

As Dimensões da Personalidade e a Analítica Existencial: a Estrutura Prévia da Compreensão do Ordenamento Jurídico

Cleyson de Moraes Mello¹

Resumo

A Constituição de 1988 representa uma mudança de paradigma no Direito brasileiro. A partir dessa mudança de modelo, é necessário investigar a realização do direito, a partir da tutela da dignidade da pessoa. O Direito alinhado a hermenêutica filosófica assume, pois, um viés transformador. Daí a necessidade de compreender o Direito a partir do ser-no-mundo. O pensamento jurídico não pode ser concebido a partir de um predomínio causado pelos limites da razão e edificado com os poderes da racionalidade abstrata. É, neste sentido que, em face da flagrante inefetividade da hermenêutica clássica, originariamente metodológica, torna-se necessária à construção de uma resistência teórica que aponte para a construção das condições de possibilidade da compreensão do direito, como modo de ser-no-mundo.

91

Palavras-chave: Direito. Dignidade humana. Ser-no-mundo, *Dasein*.

Abstract

The Constitution of 1988 represents a change of paradigm in the Brazilian law. From this change of model, it is necessary to investigate the performance of duty, from the protection of the dignity of the person. The Right aligned the philosophical hermeneutics is therefore a bias processor. Hence the need to understand the law from being-in-the-world (*In-der-Welt-Sein*). The legal thought can not be designed from a predominantly caused by the limits of reason and built with the power of abstract rationality. It is in this sense that, given the striking ineffectiveness of classical hermeneutics, methodological in your origin, it is necessary to construct a theoretical strength that point to the construction of the conditions of possibility of understanding the law, as a way of being-in-the-world.

Wordkeys: right. human dignity. being-in-the-world, *Dasein*.

¹ Doutor em Direito pela UGF-RJ; Mestre em Direito pela UNESA; Professor de Direito Civil, Hermenêutica e Introdução ao Estudo do Direito (Pós-Graduação e Graduação) UNESA, UFF, UNIPAC, FAA-FDV, ESA-OAB (Rio de Janeiro e Espírito Santo); Professor do Programa de Mestrado em Direito da UNIPAC – Juiz de Fora - MG; Advogado; Membro do Instituto dos Advogados Brasileiros – IAB; Membro do Instituto de Hermenêutica Jurídica – Porto Alegre – RS. Membro da Academia Valenciana de Letras. Vice-Presidente da Academia de Ciências Jurídicas de Valença-RJ. Autor e coordenador de diversas obras jurídicas.

Introdução

O rompimento da subjetividade do pensamento ocidental é realizado por um método fenomenológico que visa precisamente a superação do esquema sujeito-objeto.

Com isso, a analítica existencial de Heidegger ganha destaque e a questão do sentido do ser é colocada como uma questão privilegiada. O *Dasein* (Ser-aí, Presença) é o ente privilegiado que compreende o ser e tem acesso aos entes. Ele faz parte da condição essencial do ser humano. Nas palavras de Heidegger: “esse ente que cada um de nós somos e que, entre outras, possui em seu ser a possibilidade de questionar, nós o designamos com o termo *pre-sença*.”² O ser-aí sempre se compreende a si mesmo a partir da sua existência.³ A análise das estruturas ontológicas do ser-aí é um existencial. Isso significa dizer que os caracteres não são propriedades de algo simplesmente dado, mas modos de ser essencialmente existenciais. Heidegger afirma que a pre-sença (ser-aí, *dasein*) “é um ente que, na compreensão de seu ser, com ele se relaciona e comporta.”⁴

Assim, o *Dasein*, pela compreensão, inaugura uma circularidade. É, pois, uma circularidade hermenêutica. Ou seja, a recíproca relação entre *ser* e *ente* somente ocorre porque há o *Dasein*, isto é, porque há compreensão. Assim, o acesso ao ser é colocado a partir da compreensão do ser e tal compreensão é dada a partir da compreensão que o *Dasein* possui de si mesmo. O círculo hermenêutico e a diferença ontológica são os pilares que suportam a teoria heideggeriana. Em relação à metafísica, colocam-se novos paradigmas: o ser é entendido por um conceito ontológico dado pela compreensão e a diferença entre *ser* e *ente* impede a entificação do ser (matriz da tradição metafísica).

A diferença ontológica é a diferença entre *ser* e *ente*, uma vez que o ser é o elemento através do qual ocorre o acesso aos entes, isto é, sua condição de possibilidade. Essa condição é realizada por meio da compreensão pelo *Dasein*, pelo ser humano que se compreende e que sempre se dá pelo círculo hermenêutico. Dessa forma, a circularidade hermenêutica substitui o modelo da tradição metafísica ancorado na relação sujeito-objeto. De acordo com um modo de ser que lhe é constitutivo, a pre-sença tem a tendência de compreender seu próprio ser a partir daquele ente com quem ela se relaciona e se comporta de modo essencial, primeira e continuamente, a saber, a partir do “mundo”.⁵

A compreensão é a própria abertura do ser-no-mundo, bem como é um existencial. Destarte, todo o compreender é derivado dessa compreensão existencial, que é a própria luz, iluminação, abertura, clareira, revelação do ser-aí, *Alethéia*. Considerando que a compreensão é um existencial, não existe explicação sem a prévia compreensão. A compreensão prévia é um existencial do ser-aí que

² HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*: Parte I, Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p.33.

³ Ibid., p.39.

⁴ Ibid., p.90.

⁵ Ibid., p.43.

como sua abertura, clareira, luz sempre se apresenta à medida que é buscada. Aí está o círculo hermenêutico. Nas palavras do próprio Heidegger, esse círculo da compreensão “não é um cerco em que se movimentasse qualquer tipo de conhecimento. Ele exprime a *estrutura-prévia* existencial, própria da pre-sença.”⁶ O que o Heidegger procura mostrar é que devemos compreender as coisas de modo originário e autêntico, “a partir das coisas elas mesmas” desatrelado e desvinculado dos conceitos ingênuos e opiniões que a tradição em si as carrega. Portanto, o círculo da compreensão pertence à estrutura do sentido, cujo fenômeno tem suas raízes na constituição existencial da pre-sença, enquanto compreensão que interpreta. Por conseguinte, o círculo da compreensão sustenta o método fenomenológico hermenêutico de Heidegger.

Hans-Georg Gadamer, na obra *Verdade e Método II*, também discorre sobre o círculo da compreensão (1959) e informa a necessidade em manter o olhar firme para as coisas elas mesmas, até o momento de superar as errâncias que atingem o processo de interpretação. Alerta, ainda, que quem quiser compreender um texto deverá sempre realizar um projeto. O intérprete deverá projetar de antemão um sentido do todo, tão logo se mostre um primeiro sentido no texto. Vale destacar que esse primeiro sentido somente se mostra porque lemos o texto já sempre com certas expectativas, na perspectiva de um certo sentido. A compreensão daquilo que está no texto consiste na elaboração desse projeto prévio, o qual sofre uma constante revisão à medida que aprofunda e amplia o sentido do texto.⁷

O sentido da pre-sença é dado pela *temporalidade* (*Zeitlichkeit*), ou seja, o tempo é o ponto de partida do qual a pre-sença (ser-ai) sempre compreende e interpreta o seu ser. Dessa forma, o ser-ai é de tal modo que realiza uma compreensão do ser no horizonte do tempo.⁸ É dessa forma que, em *Ser e Tempo*, Heidegger sustenta a tese da *Presença e Temporalidade* (Segunda Seção de *Ser e Tempo*) que faz desmoronar radicalmente a equivalência metafísica entre *ser* e *eternidade*.

Por outro lado, a abertura do ser-ai, ou seja, o ser do ser-ai é a preocupação (cura, *sorge*). Essa é a luz que constitui a luminosidade da pre-sença, isto é, aquilo que o torna “aberto” e também “claro” para si mesmo. É a cura que se funda toda abertura do pre e a temporalidade ekstática que o ilumina originariamente. Heidegger afirma que somente partindo do enraizamento da pre-sença na temporalidade que se consegue penetrar na possibilidade existencial do fenômeno, ser-no-mundo, que, no começo da analítica da pre-sença, fez-se conhecer como constituição fundamental.⁹

O Homem como *Dasein*

Heidegger realiza uma investigação ontológica “concreta”, partindo do ente que compreende o ser, ou seja, único para o qual há ser, a saber, o próprio homem

⁶ Ibid., p.210.

⁷ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II: Complementos e Índice*. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002. p.75.

⁸ HEIDEGGER, op.cit., 2002, p.45.

⁹ Ibid., p.150.

(vale destacar que aqui não há falar-se de “consciência” ou “sujeito” da filosofia moderna). O homem é *Dasein*. O filósofo afirma: “a pre-sença (*Dasein*) existe. Ademais, a pre-sença é o ente que sempre mesmo eu sou.”¹⁰ Logo, *Dasein* é existência, ou seja, o fato de ser fora de si, de possuir uma estrutura ekstática, em detrimento ao sujeito da filosofia moderna fechado sobre si mesmo (*Ser e Tempo*, § 69). A abertura essencial do ser do homem é chamada *cuidado*, *preocupação* e o sentido propriamente temporal da existência enquanto modo de ser humano é a temporalidade. É o por à luz com sentido temporal da existência enquanto modo de ser humano. Daí a ontologia da finitude, já que o *Dasein* é finito, isto é, mortal (*Ser e Tempo*, Primeiro Capítulo da Segunda Seção – *A possibilidade da Pre-sença ser-toda e o ser-para-a-morte*).

Assim, Heidegger propõe a tese da finitude do tempo original, em detrimento à tese clássica da infinitude do tempo da natureza. Assim, podemos dizer que não há ser nem tempo senão na medida em que há *Dasein*. O *Dasein* dá a si mesmo o seu tempo. O fundamento ontológico originário da existencialidade da presença é a temporalidade. A totalidade das estruturas do ser da pre-sença articuladas na cura só se tornará existencialmente compreensível a partir da temporalidade.¹¹

A compreensão do ser é tornada possível mediante a temporalidade ekstática do *Dasein*, ou seja, o tempo passa a ser o *locus* da compreensão do *Dasein*. É, com efeito, no § 65 de *Ser e Tempo* que a temporalidade é revelada como constituindo o sentido do cuidado, *sorge*, cura. Heidegger afirma que “enquanto cura, a totalidade ontológica da pre-sença diz: preceder-se-a-si-mesma-em (um mundo) enquanto ser-junto-a (entes que vêm ao encontro dentro do mundo).”¹² Assim o filósofo fixou a articulação da estrutura originária da cura na temporalidade. Isso quer dizer que o *Dasein* (pre-sença) nunca perde a sua integralidade; que ela perdura no tempo, porque ele é formado por momentos inseparáveis uns dos outros. Daí Heidegger falar em estrutura do ser-aí. Esta estrutura fundamental é chamada ser-no-mundo.

É sendo que a pre-sença está aberta para si mesma em seu ser.¹³ Há que se buscar uma abertura mais abrangente e mais originária dentro da própria pre-sença (*Dasein*).¹⁴

Portanto, não é no terreno da quotidianidade que vamos conseguir encontrar a unidade do *Dasein* (pre-sença). Isso porque a interpretação cotidiana da pre-sença encobre onticamente o ser próprio da pre-sença.¹⁵ Assim, o modo de ser da pre-sença exige uma interpretação ontológica. A interpretação ontológica projeta o ente preliminarmente dado em seu próprio ser, de modo a chegar ao conceito de sua estrutura.¹⁶ É o salto para dentro do círculo hermenêutico que assegura o ponto de partida da análise

¹⁰ Ibid., p.90.

¹¹ HEIDEGGER, *Ser e Tempo*: Parte II, Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p.13.

¹² Ibid., p.121.

¹³ HEIDEGGER, op.cit., 2002. p.245.

¹⁴ Ibid., p.245.

¹⁵ HEIDEGGER, op.cit., 2004. p.104.

¹⁶ Ibid., p.104.

do *Dasein* (pre-sença).¹⁷ O próprio desejo e esforço para fugir do círculo reside na condição de decaída da pre-sença.¹⁸ Segundo Heidegger, este termo não exprime qualquer avaliação negativa. Pretende apenas indicar que, em primeira aproximação e na maior parte das vezes, a pre-sença está junto e no “mundo”.¹⁹

Este estar junto possui, frequentemente, o caráter de perder-se na publicidade do impessoal, eis que a própria pre-sença já sempre caiu de si mesma e de-caiu no “mundo”.²⁰ O fenômeno da decadência apresenta-se em um modo existencial de ser-no-mundo.²¹ Em sua obra *Sobre o Humanismo*,²² Heidegger afirma que o esquecimento da Verdade do Ser em favor da avalanche do ente, não pensado em sua essência, é o sentido da “decadência”, mencionada em *Ser e Tempo*.

Ora, é a desconstrução da metafísica ocidental, operada pela analítica do *Dasein* como “ser-no-mundo”, que introduz a possibilidade de uma essência do homem como *locus* hermenêutico do ordenamento jurídico.

Daí que o conceito de *Dasein* introduz uma nova *dimensionalidade da personalidade na contemporaneidade*, já que procura inserir a personalidade numa via em direção a questão do ser. Melhor dizendo: a dimensionalidade ética da personalidade como *Dasein* procura superar a metafísica moderna que tem o homem como *subjectum*.

A desconstrução da metafísica ocidental em Heidegger é desenvolvida no parágrafo 6º de *Ser e Tempo*, no qual o filósofo, a partir da categoria do tempo, pretende retomar o problema da fundamentação da metafísica. Martin Heidegger afirma que “o ser da pre-sença tem o seu sentido na temporalidade”.²³ Esta, por sua vez, é também a condição de possibilidade da historicidade enquanto um modo de ser temporal próprio da pre-sença.”²⁴

Assim, a partir do conceito de tempo, o filósofo pretende rever os parâmetros da ontologia da tradição, a partir das seguintes teses: em primeiro lugar, a fundação da metafísica tem a forma de uma Ontologia fundamental; em segundo lugar, esta ontologia fundamental realiza-se como Analítica do ser-aí, ou seja, a base dessa revisão é a analítica existencial.

¹⁷ Ibid., p.109.

¹⁸ Ibid., p.109.

¹⁹ Na preocupação quotidiana, o mundo é tomado como a soma dos entes e não como um existencial.

²⁰ Nesse sentido, Heidegger afirma que “a de-cadência da pre-sença também não pode ser apreendida como ‘queda’ de um ‘estado original’, mais puro e superior. Disso nós não dispomos onticamente de nenhuma experiência e, ontologicamente, de nenhuma possibilidade e guia ontológicos para uma interpretação. Enquanto ser-no-mundo de fato, a pre-sença na de-cadência, já de-caiu em algo ôntico com o que ela se deparou ou não se deparou, no curso de seu ser, e sim no *mundo* que, em si mesmo, pertence ao ser da *pre-sença*. A de-cadência é uma determinação existencial da própria presença e não se refere a ela como algo simplesmente dado, nem a relações simplesmente dadas com o ente do qual ela ‘provém’, ou com a qual ela posteriormente entra em *commercium*.” HEIDEGGER, Martin. op.cit., 2002. p.236-237.

²¹ Ibid., p.238.

²² HEIDEGGER, Martin. *Sobre o Humanismo*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. p.53.

²³ *Ser e Tempo* gira precisamente sobre a questão do ser, destacando a efetividade da existência (historicidade do ‘espírito vivente’ e validade intemporal da lógica) no sentido de não ser possível identificarmos o sujeito do conhecimento como sujeito puro, ou seja, dissociado de sua historicidade.

²⁴ Historicidade para Heidegger indica a constituição ontológica do “acontecer” próprio da pre-sença como tal.

Heidegger pretende superar o esquema sujeito-objeto²⁵ e qualquer tipo de fundamentação da metafísica ligada ao infinito, ao real, a uma teologia ou a uma consciência, busca a partir do *Dasein*, enquanto ser-no-mundo, através da analítica existencial (ontologia fundamental) e a finitude do ser uma nova fundamentação da metafísica, na medida em que a faticidade e a historicidade determinam o próprio ser-no-mundo.²⁶

Na esfera do mundo jurídico, isto significa dizer que o julgador e o intérprete jurídico não podem ver o mundo somente pelo viés normativo do dever-se, mas deve considerar as possibilidades do ser do homem, isto é, como poder-ser. O homem não pode ser visto como um homem abstrato inserido nos padrões normativos de uma dada

²⁵ Em relação ao binômio sujeito-objeto, vale lembrar as lições de Emmanuel Carneiro Leão no sentido de que nas relações de objetividade-subjetividade, a alternativa de sujeito e objeto exerce uma decisão de essência. Vejamos: “a decisão de que na funcionalidade de tudo e de todos reside o sentido de ser e realizar-se, mora o vigor originário do valor e da verdade, se gera a dinâmica de temporalidade de todo o processo histórico. Trata-se de uma dominação a tal ponto fundamental que não é fácil perceber-lhe as distorções, nem é possível falar de objetividade sem falar de subjetividade e vice-versa. A funcionalidade da correlação de sujeito-objeto se impõe, então, como o objetivo supremo de todas as funções de crer, saber, fazer e sentir, vigentes no mundo moderno. Constitui mesmo o maior escolho na caminhada do pensamento para pensar radicalmente uma realidade. Senão vejamos. Façamos uma prova conosco e com os outros. Afirmar que a objetividade é o que mais nos impede de investigar alguma coisa radicalmente, provoca logo duas reações contrárias, embora indissoluvelmente solidárias uma da outra.

Uma primeira reação diz: mas como é possível uma afirmação dessas? Não devemos ser objetivos em todos os nossos empenhos de pensar e desempenhos de saber? Então a ciência e suas investigações são coisas subjetivas? Para ser verdade, a verdade não tem de ser objetiva? Proclamar o sujeito como critério para se saber e pensar a realidade, não é isso subjetivismo, idealismo e relativismo? O que há de mais óbvio e evidente do que a conversão lógica: o que não for objetivo, é subjetivo, o que não for realismo, é idealismo, o que não for objeto, é sujeito? – Mas na vigência de seu vigor, esta reação não é a única, nem unívoca. Está montada na correspondência de uma gangorra: ao dizer objeto, diz também, sempre e necessariamente, sujeito. É o que nos permite ver a segunda reação.

Se a primeira reação discorda, a segunda concorda com a afirmação do empecilho da objetividade, dizendo: é isso mesmo, a realidade não pode ser objetivada. Nunca fica estática como um objeto parado sem movimento nem vida, que pudesse ser definido pela razão e medido pelo raciocínio. Pela vivacidade das vivências e o dinamismo da experiência, o sujeito é o único modo de ser adequado à profundidade e variedade do real. Para que tanta discursividade, de que nos valem todas as teorias? O que importa mesmo são as emoções e os sentimentos concretos do sujeito.

A ironia destas duas reações está na fatalidade com que ambas se instalam e vivem de uma mesma jogada. Tanto quem rejeita a subjetividade e tem a objetividade em conta de norma absoluta e parâmetro supremo da realidade, como quem valoriza a subjetividade e desfaz da objetividade, dizem a mesma coisa. Contra esta voz de dizerem a mesma coisa, tanto o objetivista, como o subjetivista concordam em tocar o mesmo acorde de protesto: como é que dizem a mesma coisa? Não se diz, de um lado, objeto, objetividade e objetivo e, de outro, sujeito, subjetividade e subjetivo? E sujeito e subjetivo não se opõem a objeto e objetivo? Como, então, podem dizer a mesma coisa?

Não se quer negar que subjetivista e objetivista se contraponham um ao outro na valorização. De certo que há polaridade entre ambos, enquanto um valoriza o objeto, o outro valoriza o sujeito. Mas não está aí, na dimensão dos valores e da valorização, a raiz do problema. É que valorizar já supõe constituídos parâmetros de avaliação e estabelecidos valores de julgamento. A concordância pretendida está no nível de constituição dos parâmetros e no âmbito em que se estabelecem os valores de julgamento.” LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a Pensar*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000, V.2. p.169-170.

²⁶ Na mesma obra, o filósofo Emmanuel Carneiro Leão afirma que a essência de alguma coisa só pode ser pensada e a impossibilidade de uma investigação científica da essência de toda e qualquer ciência é condição de sua própria possibilidade. Afirmar ainda que “desde o Poema de Parmênides, pensador é aquele que não cessa de questionar as raízes, onde se encontram, numa encruzilhada de Verdade, os caminhos do ser, do não ser e da aparência. [...] Entre cientistas e filósofos não é possível um diálogo de essência sem que o cientista deixe de ser só cientista e se faça também filósofo. Ibid., p.177-178.

sociedade, mas devemos considerá-lo no processo hermenêutico através de seu modo de ser médio e cotidiano do próprio homem, isto é, como ser-no-mundo (*Dasein*, estar-aí). Assim, o processo de interpretação judicial deve ser construtivo, prospectivo, alinhado com a dinâmica do homem, ou seja, no seu modo de poder ser.²⁷

A dimensão da personalidade como finitude, temporalidade e liberdade

A existência, a temporalidade, são identificadores e elementos basilares da existência do homem. Heidegger insere a essência da Verdade no plano ontológico fundamental da analítica existencial, ou seja, o ser-verdade como ser-descoberto só é ontologicamente possível quando fundamentado e consubstanciado no ser-no-mundo. Em sua obra *Ser e Tempo*, no parágrafo 44, o filósofo determina²⁸

Se verdade encontra-se, justificadamente, num nexa originário com o ser, então o fenômeno da verdade remete ao âmbito da problemática ontológica fundamental.

[...]

O ser-verdadeiro (verdade) da proposição deve ser entendido no sentido de ser-descobridor.

Verifica-se, pois, que Heidegger relaciona de forma direta a constituição fundamental do *Dasein* com o fundamento do fenômeno originário da verdade, negando, de certa maneira, que a verdade possua uma estrutura de concordância entre o sujeito e objeto. Através de Heidegger, a “definição” proposta da verdade assume uma conotação de apropriação originária. Heidegger diz que a “definição” de verdade nasce da análise dos comportamentos da pre-sença, que se chama “verdadeiros”. Vejamos:²⁹

97

²⁷ Antonio Osuna Fernández-Largo, da Universidad de Valladolid ensina que “tiene que existir una justificación del contenido de las leyes y de su aplicación jurisprudencial. El camino para ello es el de la inserción de lo jurídico em las realidades culturales, históricas, éticas y sociales em que se enmarcan las leyes. Por eso, la teoría del derecho guarda conexión com la teoría de las ciencias humanas y, a la postre, com la teoría del saber científico y del mismo hombre al que sirve. Es um hecho reiteradamente comprobado el que las teorías del derecho están em función de las teorías filosóficas y científicas em boga. Luego es em esse horizonte donde su planteamiento ofrece garantías de solución o, al menos, de um tratamiento congruente com la materia. Construir uma ciencia jurídica sin replanteamientos teórico-filosóficos es lo mismo que erigir uma praxis sin tería que la convalide. La hermeneutica moderna há propiciado el estudo de las condiciones generales del comprender y del interpretar como paso previo y condicionamiento de todo outro planteamiento metódico de la ciencia; algo así como la gnoseología prima sobre toda epistemología. Tal estudio, de índole metacientífica y metajurídica, fuerza a sobrepasar los métodos particulares y a construir um discurso de condición filosófica. Ahora bien, esta filosofía no se entiende como uma teoría aplicable al derecho y sí como uma metateoría de la ciencia jurídica. La interpretación jurídica es um problema también filosófico y no sólo um problema que reclame a filosofía acerca del derecho. Por eso, aunque la moderna discusión hermenéutica naciera em otros ámbitos, como el estético y el lingüístico, pronto vio en consecuencia, a um replanteamiento de la misma ciencia jurídica.” FERNÁNDEZ-LARGO, Antonio Osuna. *La Hermenéutica jurídica de Hans-Georg Gadamer*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones, 1992. p. 38.

²⁸ HEIDEGGER, op.cit., 2002, p.281-287.

²⁹ Ibid., p.288.

Ser-verdadeiro enquanto ser-descobridor é um modo de ser da pre-sença. O que possibilita esse descobrir em si mesmo deve ser necessariamente considerado “verdadeiro”, num sentido ainda mais originário. Os fundamentos ontológico-existenciais do próprio descobrir é que mostram o fenômeno mais originário da verdade. Descobrir é um modo de ser-no-mundo. A ocupação que se dá na circunvisão ou que se concentra na observação descobre entes intramundanos. São estes o que se descobre. São “verdadeiros” num duplo sentido. Primordialmente verdadeiro, isto é, exercendo a ação de descobrir, é a pre-sença. Num segundo sentido, a verdade não diz o ser-descobridor (o descobrimento) mas o ser-descoberto (descoberta).

Heidegger procura mostrar que a essência da Verdade no plano ontológico fundamental da analítica existencial se funda na abertura do mundo. Somente com esta é possível o alcançamento do fenômeno mais originário da verdade. O filósofo afirma no citado parágrafo 44 de *Ser e Tempo* que a pre-sença é e está na verdade, indicando seu sentido ontológico-existencial.

O homem não pode ser visto como uma coisa simplesmente dada, de forma objetiva, mas, ao contrário, visto e entendido como forma de realização cuja existência está fulcrada no ser-no-mundo. Nesse sentido, existência e sentido, pre-sença e verdade não estão em distonia, mas entrelaçam-se uns nos outros.

Se quisermos sintetizar o que acabamos de sublinhar, diremos que ser-no-mundo é uma estrutura de realização, ou seja, o homem “não é uma coisa simplesmente dada, nem uma engrenagem numa máquina e nem uma ilha no oceano.”³⁰

Na obra *Sobre a Essência da Verdade*, Heidegger afirma que a essência da verdade é a liberdade.³¹ Tal assertiva está relacionada ao problema da essência do homem, dentro de uma perspectiva que garanta a experiência de um fundamento original oculto do homem (do ser-ai) e isto de tal maneira que a essência da verdade se desdobre originariamente.³² Note-se que a relação da essência da verdade com a liberdade não exprime que a verdade seja algo de subjetivo ou relacionado ao arbítrio humano – nesse caso, a liberdade não é uma propriedade do homem. A liberdade, na concepção heideggeriana, é no sentido de liberdade como manifestação no seio do aberto, ou seja, “a liberdade em face do que se revela no seio do aberto deixa que cada ente seja o ente que é. A liberdade se revela então como o que deixar-ser o ente.”³³

Deixar-ser significa o entregar-se ao ente, como ente que ele é. Ou seja, significa entregar-se ao aberto e à sua abertura, na qual todo ente entra e permanece, e que cada ente traz, por assim dizer, consigo.³⁴ Assim, o abrir-se ao ente não é algo que o homem possa escolher de forma arbitrária (não é uma faculdade do homem), uma vez que constitui o próprio *Dasein* enquanto ser-no-mundo. Deixemos que as lições de Heidegger falem por si:³⁵

³⁰ Ibid., p.217.

³¹ HEIDEGGER, Martin. *Sobre a Essência da Verdade*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970, p.30.

³² Ibid., p.31-32.

³³ Ibid., p.32.

³⁴ Ibid., p.32.

³⁵ Ibid., p.33-35.

Deixar-se significa que nós nos expomos ao ente enquanto tal e que transferimos para o aberto todo o nosso comportamento. O deixar-se, isto é, a liberdade, é, em si mesmo, exposição ao ente, isto é, ek-sistente. A essência da liberdade, entrevista à luz da essência da verdade, aparece como ex-posição ao ente enquanto ele tem o caráter de desvelado. [...] A ek-³⁶sistência enraizada na verdade como liberdade é a ex-posição ao caráter desvelado do ente como tal. [...] O homem não possui a liberdade como uma propriedade, mas antes pelo contrário: a liberdade, o ser-aí, ek-sistente e desvelador, possui o homem, e isto tão originariamente que somente ela permite a uma humanidade de inaugurar a relação com o ente em sua totalidade e enquanto tal, sobre o qual se funda e esboça toda a história. Somente o homem ek-sistente é historial. A 'natureza' não tem história. A liberdade assim compreendida, como deixar-ser do ente, realiza e efetua a essência da verdade sob a forma de desvelamento do ente. A 'verdade' não é uma característica de uma proposição conforme, enunciado por um 'sujeito' relativamente a um 'objeto' e que então 'vale' não se sabe em que âmbito; a verdade é o desvelamento do ente graças ao qual se realiza uma abertura. Em seu âmbito se desenvolve, ex-pondo-se, todo o comportamento, toda a tomada de posição do homem. É por isso que o homem é ao modo da ek-sistência.

Dessa maneira, a essência da verdade é compreendida por Heidegger da seguinte forma: a essência da verdade se desvelou como liberdade; a liberdade é o deixar-se ek-sistente que desvela o ente; e todo o comportamento do homem historial está disposto no ente em sua totalidade.

Pensar o Homem a Partir do *homem humanus*

Existe um pensar que é um modo de *ser-no-mundo*. Este pensar não se restringe às atividades lógico-científicas, mas vai além, como um modo de ser.

O ponto nodal está na busca de uma visão não objetivadora do ser. A visão objetivista dos entes, com seu impulso objetificador, “eliminador da vida, des-historicizador, des-significador e des-mundanizador da vida”³⁷ está em distonia com o mais digno de ser pensado.

³⁶ No mesmo sentido, Gianni Vattimo afirma que “o facto de que a abertura originária do mundo, que torna possível toda a conformidade com o ente (verdade) e toda a escolha prática, não dependa de uma escolha do homem, mas antes o precede e o constitui, significa que o *Dasein* pode entrar em relação com os entes enquanto já está lançado em certa abertura histórica, isto é, enquanto já dispõe de um conjunto historicamente dado de critérios, de normas, de pre-juízos, devido aos quais o ente se lhe torna acessível. Toda a nossa possibilidade em aceder ao ente está condicionada pelo facto de dispor já de certos instrumentos: de certa lógica, de certa moral, etc. Mesmo quando nos pomos a examinar criticamente os pré-juízos herdados, servimo-nos sempre, porém de certos instrumentos conceptuais que não são algo de ‘natural’, mas que constituem justamente a nossa abertura histórica. Assim, e definitivamente, o facto de ser a liberdade a dispor do homem significa que o homem chega ao ente (e também a si mesmo enquanto se torna objecto de conhecimento) a uma luz na qual se encontra desde sempre, isto é, devido a uma pré-compreensão que o homem não escolhe, mas que o constitui enquanto ser-aí. VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Tradução João Gama. Lisboa: Edições 70, 1989. p.74-75.

³⁷ HEIDEGGER, Martin. op.cit., 1970, p.41.

Heidegger afirma “sem rodeios, o pensamento é o pensamento do Ser”³⁸ relacionado à sua essência e o seu destino histórico. Com o pensar filosófico, Heidegger pretende reconduzir o homem de volta à sua Essência, ou seja, “cuidar que o homem seja humano e não inumano, isto é, estranho à sua Essência.”³⁹

“A metafísica pensa o homem a partir da sua *animalitas*. Ela não pensa na direção de sua *humanitas*.”⁴⁰ Daí a necessidade de se pensar para além de um pensar metafísico.⁴¹ Dessa forma, “a compreensão do Ser, pode ser pensada no âmbito da ‘Analítica existencial’ do ‘Ser-no-mundo’, a saber, como re-ferência ec-estática à clareira do Ser”.⁴² “Isto quer dizer: a Verdade do Ser, como a própria clareira, permanente oculta à metafísica.”⁴³ Assim, procura-se fugir da objetificação, ou seja, procura-se evitar um dualismo presente na metafísica ocidental, que consiste no império da relação ‘sujeito-objeto’, “através da” e “para além da” segunda forma de pensar (a lógica), a adoção de um modo novo de pensar que é um modo de ser-no-mundo. É a analítica existencial e a diferença ontológica que possibilitará o não esquecimento do Ser, através de um acontecer e um vir-ao-encontro.

Não há que se confundir a lógica hermenêutica baseada na lógica da diferença ontológica e do círculo hermenêutico com a lógica clássica sustentada pelos princípios da não-contradição e da identidade. Desse modo, torna-se necessário diferenciar a lógica dos entes (lógica clássica, lógica do discurso, lógica da metafísica ou lógica apofântica) da lógica do ser (lógica hermenêutica, lógica da diferença ou lógica do esquecimento do ser).⁴⁴

³⁸ HEIDEGGER, op.cit., 1995, p.28.

³⁹ Heidegger explora a seguinte questão: “O que significa senão tornar o homem (*homo*) humano (*humanus*)? Destarte é a *humanitas* a preocupação de um tal pensamento. ‘A Cura’ caminha no sentido de reconduzir o homem de volta à sua Essência. “A Cura” – “*die Sorge*”: É um termo característico da Analítica existencial desenvolvida em *Sein und Zeit*. Exprime a estrutura ontológica que unifica todos os momentos constitutivos do ‘Ser-no-mundo’.” Ibid., p.34.

⁴⁰ HEIDEGGER, op.cit., 1995, p.40.

⁴¹ Vale aqui o esclarecimento de Heidegger: “O que o homem é, - isso significa, na linguagem tradicional da metafísica, a ‘essência’ do homem – repousa na ec-sistência. Mas a ec-sistência aqui pensada não se identifica com o conceito tradicional de *existentia* que, distinguindo-se de *essentia*, concebida como possibilidade, significa realidade. [...] O homem se essencializa, de tal sorte que ele é o “lugar” (*Da*), isto é, a clareira do Ser. Esse ‘ser’ do lugar (*Da*), e só ele, possui o caráter fundamental (*Grundzug*) de ec-sistência, isto é, da in-sistência ec-stática na Verdade do Ser. A Essência Ec-stática do homem repousa na ec-sistência, que é e permanece diferente da *existentia* pensada metafisicamente. Essa última é entendida pela filosofia medieval como *actualitas*. Kant apresenta a *existentia* como sendo realidade, no sentido de objetividade da experiência. Hegel determina a *existentia*, como a idéia da subjetividade absoluta, que se sabe a si mesma. Nietzsche concebe a *existentia*, como eterno retorno do mesmo. [...] Pensada de maneira ec-stática, a ec-sistência não coincide com a *existentia* nem quanto ao conteúdo nem quanto à forma. Em seu conteúdo, ec-sistência significa exportar a Verdade do Ser. *Existentia* (*existence*) diz, ao contrário, *actualitas*, realidade, distinguindo-se da simples possibilidade concebida como idéia. Ec-sistência evoca a determinação do que o homem é no destino da Verdade do Ser. Existência permanece o nome para a realização do que uma coisa é, enquanto aparece em sua idéia. A frase ‘o homem ec-siste’ não responde à pergunta, se o homem é ou não real. Ela responde à pergunta pela ‘Essência’ do homem. [...] Enquanto ec-sistente, o homem suporta o *Da-sein*, assumindo na ‘Cura’ o lugar (*Da*), como a clareira do Ser. O *Da-sein* mesmo, porém, se essencializa num ‘lançamento’.” HEIDEGGER, op.cit., 1995, p.42-46.

⁴² Ibid., p.47.

⁴³ Ibid., p.52.

⁴⁴ STEIN, Ernildo. *Pensar é Pensar a Diferença*: Filosofia e Conhecimento Empírico. Ijuí, Rio Grande do Sul: Unijuí. 2002.

A compreensão é, dessa forma, ontologicamente fundamental e anterior a qualquer ato de existência, haja vista que não podemos compreender e pensar o ser metafisicamente como simples-presença e esquecimento. O ser deve ser compreendido a partir do homem em seu próprio acontecer, historicamente situado.

Para Heidegger, a faticidade da vida, o ser-no-mundo, o mundo da vida, é o ponto de partida necessário para sua investigação. A hermenêutica com viés da ontologia fundamental procura interrogar o ser através da historicidade e temporalidade do ser-aí, ou seja, compreender a questão do ser fora do contexto da tradição metafísica. Deste modo, ela é contra toda a tradição transcendentalista e subjetivista da metafísica ocidental. O mundo da faticidade do ser-aí seria, então, elemento norteador no sentido de impedir a redução de tudo à subjetividade ou a um caminho que propunha transformar tudo em “objeto”.⁴⁵

Dessa forma, as entidades que formam o mundo físico do homem não são o mundo, mas estão no mundo. Para se ver o mundo, torna-se necessário investigar o ser-no-mundo. A compreensão se dá através do mundo, isto significa dizer que a compreensão e o mundo são lados inseparáveis da mesma moeda, ou seja, representa a constituição ontológica da existência do *Dasein*.

Ernildo Stein afirma que “o que o Direito, por exemplo, espera da Filosofia para vencer o fantasma da positividade é a possibilidade de um compromisso intersubjetivo escondido numa determinada forma de descrição do mundo”.⁴⁶ É o compromisso com o outro, não focado apenas na norma, mas sim no homem e sua relação de vivência com o mundo, histórico-temporalmente situado.

A filosofia hermenêutica de Heidegger poderá abrir novos horizontes à fundamentação jurídica a partir dos modos de ser-no-mundo do *Dasein*, sobrepujando o *como* apofântico, manifestativo, argumentativo e lógico, com um *como* hermenêutico.

É uma *condição de possibilidade*, no sentido de que nos compreendemos e explicitamos em nosso modo de ser. A racionalidade proposta por Heidegger é explicitada pela fenomenologia hermenêutica⁴⁷ que põe à vista um modo de ser fundamental do ser humano.⁴⁸ Daí a importância da pre-compreensão.

⁴⁵ Emmanuel Carneiro Leão, na introdução da obra *Sobre o Humanismo*, de Martin Heidegger, esclarece que “A época da Técnica e da Ciência se essencializa numa ‘época’ em que o Ser como o Ser é nada, por se destinar tanto na objetividade do ente como na subjetividade do homem. O homem só é homem quando realiza sua humanidade como o ‘sujeito’ da objetividade. A objetividade é tanto mais objetiva quanto mais for controlada e estabelecida em sua objetividade, vale dizer, quanto mais o homem for ‘subjetividade’. Correlativamente, o ente só é ente quando afirma sua entidade como objeto da subjetividade, isto é, no grau em que se presta ao controle exato da subjetividade. A objetividade é o valor supremo. A arte, a poesia, a religião, a filosofia só possuem valor, se passarem no controle da objetividade. A vigência da correlação de subjetividade e objetividade, que hoje vai atingindo seu paroxismo, é, pensada como ‘época’, o destinar-se do Ser no esquecimento. Nesse esquecimento moderno, isto é, nas fases do progresso da técnica e da ciência, se derrama a escuridão da ‘Noite Histórica’ na qual, o homem, perdendo os fundamentos de sua humanidade, ‘erra’, sem pátria, no turbilhão de uma objetividade sempre mais absorvente de subjetividade. A ‘época’ da técnica e da ciência é o império do homem a-pátrida em sua Essência.” In: HEIDEGGER, op.cit., 1995. p.16-17.

⁴⁶ STEIN, Ernildo. *Exercícios de Fenomenologia*: Limites de um Paradigma. Ijuí, Rio Grande do Sul: Unijuí. 2004 p.155.

⁴⁷ Consoante os ensinamentos de Ernildo Stein, a novidade que constitui o “*standard* de racionalidade” da fenomenologia hermenêutica é “que com ela se supera toda a questão extrínseca de fundamentação de um discurso e também qualquer veleidade de autofundamentação e qualquer discurso científico. [...] Nada há exterior que dê legitimidade a essa dimensão transcendental e compreensiva pela qual a fenomenologia hermenêutica estabelece a racionalidade estruturante, processual e organizadora de qualquer discurso.” STEIN, op.cit., 2004a. p.167.

⁴⁸ Ibid., p.162.

Essa dimensão hermenêutica heideggeriana, pautada na pre-compreensão, não permite uma fundamentação última de um sistema, pois ela se dá como modo de ser do ser-aí, da condição humana de ser-no-mundo. Isso quer dizer que quando falamos em fundamento, falamos num fundamento sem fundo, um fundamento abissal.

É a partir de Heidegger que se apresenta um novo *standard* de racionalidade relacionado à questão do ser ligada à compreensão do ser pelo *Dasein*. É na pré-compreensão, em que o “ser-aí se compreende em seu ser e assim se explicita, compreendendo o ser como tal”.⁴⁹ Por conseguinte, a questão encontra-se sustentada por uma antecipação de sentido que acompanha todo o nosso conhecimento.

É dessa forma que a hermenêutica heideggeriana, pela qual o *Dasein* como ser-no-mundo, ao incorporar o ser-em como condição prévia de todo o conhecimento opõe-se ao conceito objetivista do conhecimento, suprimindo assim o esquema sujeito-objeto (o sujeito cognoscente conhece o objeto na sua pura objetividade) no fenômeno de compreensão. Às avessas, o sujeito que compreende insere-se no “horizonte de compreensão” não se restringindo a representar passivamente o objeto da compreensão na sua consciência.

Referências Bibliográficas

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II: Complementos e Índice*. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

102 HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo: Parte I*, Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Ser e Tempo: Parte II*, Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Sobre o Humanismo*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. *Sobre a Essência da Verdade*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a Pensar*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000, V.2.

STEIN, Ernildo. *Pensar é Pensar a Diferença: Filosofia e Conhecimento Empírico*. Ijuí, Rio Grande do Sul: Unijuí. 2002.

_____. *Exercícios de Fenomenologia: Limites de um Paradigma*. Ijuí, Rio Grande do Sul: Unijuí. 2004.

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Tradução João Gama. Lisboa: Edições 70, 1989.

⁴⁹ Ibid., p.160.